

Univocidade do ser, singularidade e a gênese estática ontológica na “Crise nas infinitas terras”

Univocity of the being, singularity and the ontological static genesis in the “Crisis in the infinite earths”

Fabio Luiz Carneiro Mourilhe Silva (doutorando em Filosofia-UFRJ–Rio de Janeiro –RJ)¹

fabio_bola@yahoo.com

Luis Felipe Castro Alencastro (doutorando em Literatura Comparada - UFRJ)

haemetz@gmail.com

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Susana de Castro (UFRJ)

Resumo: Este artigo busca, a partir da articulação do conceito de univocidade do ser e da noção de singularidade, a compreensão da gênese estática ontológica de Gilles Deleuze, considerando sua aplicação em um universo diegético de uma editora americana de histórias em quadrinhos, a DC Comics, no qual é enfatizada a simultaneidade de círculos de convergência que se transpassam. Sem mundos individuados e sem singularidades fixas organizadas em séries convergentes, temos um Flash e uma Mulher-Gato contingentes definidos por predicados, porém, não mais predicados analíticos de indivíduos determinados em um mundo que opera sua descrição, e, sim, por predicados sintéticos que lhes abrem diferentes mundos e individualidades.

Palavras-chave: Ontologia; Deleuze; DC Comics.

Abstract: This article aims – from the articulation of the concept of univocity of the being and the notion of singularity – the comprehension of the ontological static genesis, considering its application in a diegetic universe of an American publisher of comic-books, the DC Comics, where it is emphasized simultaneous circles of convergence that run through one another. Without individualized worlds and fixed singularities organized in convergent series, a contingent Flash and a contingent Cat-Woman are defined with predicates, although not analytical predicates of fixed individuals in a world that operate their description, but with synthetic predicates that enable the access to different worlds and individualities.

Key words: Ontology; Deleuze; DC Comics.

1. Considerações iniciais

Com a “Crise nas infinitas terras”, – evento da editora DC Comics, onde ocorre uma fusão de mundos, morte e descarte de personagens, e o esquecimento do multiverso² –,

¹ Fabio Luiz Carneiro Mourilhe Silva é também doutorando em Comunicação pelo PPGCOM/UFF).

Revista *Estudos Filosóficos* nº 5 /2010 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967

<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>

DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG

Pág. 102 – 117

temos a evidência de um domínio do não-senso junto a mundos plenos de sentido que se fundem. A gênese estática ontológica deve ser pensada de acordo com estes dois níveis/etapas junto a um objetivo paradoxal de afirmar uma univocidade a partir da heterogeneidade radical do ser.

Inicialmente, foi realizada uma comparação entre univocidade e equivocidade do ser; depois disso, focou-se nas distinções e no conceito de hecceidade apresentado por Duns Scotus e na distinção real de Spinoza; posteriormente, trouxemos o dilema da univocidade de Leibniz, no que tange à liberdade e à necessidade e ao eterno retorno da diferença de Nietzsche; e, por fim, as discussões em torno da décima quinta e décima sexta séries do livro “Lógica do sentido” de Deleuze, o que possibilitou a articulação de noções como “compossibilidade”, compreensibilidade, indiferença e convergência no universo (ou multiverso) da DC Comics.

2. Univocidade *versus* equivocidade do ser

Um dos aspectos mais característicos da ontologia de Gilles Deleuze é sua apropriação do conceito de *univocidade do ser*, originalmente formulado por Duns Scotus, filósofo escolástico, em sua refutação a Tomás de Aquino, que segue a categorização aristotélica: o ser possui dez categorias, e a primeira (a de substância) é a única que se sustenta por si só; todas as outras (chamadas de “acidentes”) se baseiam nela. Scotus, ao contrário, mantém que o ser se diz igualmente em todas as categorias, não sendo privilegiada a de substância:

Primeiro, nós podemos ter certeza de um conceito enquanto duvidamos de outro. Podemos, por exemplo, estar certos de que Deus é um ser, mas duvidar se Deus é finito ou infinito, ou mesmo material ou imaterial. Isto mostra que a noção de ser é diferente daquela de um ser finito ou infinito, do qual é baseado, e assim unívoco a ambos (SCOTUS *apud* KING, 2003, p. 18).

² O multiverso da DC Comics envolve uma grande quantidade de mundos, a maior parte deles fora da continuidade principal da editora, estratégia que permitiu aos escritores uma grande liberdade criativa para explorar versões alternativas de personagens e seus universos diegéticos sem contradizer ou alterar permanentemente a continuidade oficial.

A univocidade do ser (em oposição à equivocidade) afirma que não pode haver diferença de natureza entre os atributos de Deus e os de sua criação. Aquino, ao contrário, sustentava que a bondade de Deus, entre outros atributos, só pode ser pensada como *análoga* em relação à dos homens. A analogia é uma figura da equivocidade, pois introduz um intelecto transcendente que deverá nivelar as diferenças do ser, que é, portanto, “dito” de formas desiguais. (ASHWORTH, 1991, pp. 39–67).

Essa mesma analogia será retomada na crítica deleuzeana à pluralidade de sentidos atribuídos à natureza por Kant:

No que diz respeito à natureza biológica, é *como se* houvesse uma idéia que dirigisse suas relações: relações entre as partes de um organismo vivo, relações entre as espécies vivas dentro do ‘grande organismo’ da natureza. Além do mais, essa analogia com uma idéia que unifica e organiza a multiplicidade das relações biológicas lembra-nos que isto é compreendido *como se um intelecto superior* dirigisse o desenvolvimento da Natureza segundo uma Idéia intencional... Por essas comparações segundo o *como se*, por esses sistemas de *analogias* entre o objeto sensível e a Idéia supra-sensível, o juízo reflexionante traça estas estreitas passagens onde a *imanência*, como por uma artimanha da natureza, acolhe o *transcendente* para deixar-se inspirar e guiar (GUALANDI, 2003, p. 32).

Deleuze (1968a, p. 71-74) fala sobre a articulação da diferença na concepção de uma univocidade do ser a partir do pensamento de três autores: Duns Scotus, Spinoza e Nietzsche. Seu objetivo paradoxal é afirmar a univocidade a partir da *heterogeneidade radical* do ser, produzido e transformado pelo devir.

3. Duns Scotus: univocidade do ser e distinções

Em Duns Scotus, o ser começa a ser pensado como unívoco, porém, com uma neutralidade e uma indiferença aos pares infinito/finito, singularidade/universalidade (“o ser aquém do entrecruzamento do universal e do singular”) e criado/incriado, neutralizando, desta forma, “as forças da analogia do juízo” (DELEUZE, 1968a, p.71), distanciando- se do que viria a ser a concepção clássica de sujeito.

Dois tipos de distinção indicados por Duns Scotus relacionam o ser à diferença -

Revista *Estudos Filosóficos* n° 5 /2010 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967

<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>

DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG

Pág. 102 – 117

distinções pelas quais o ser unívoco se reporta à diferença: distinção formal e distinção modal (DELEUZE, 1968a, p.71).

3.1. Distinção formal

De acordo com a visão de Duns Scotus (*apud* INGHAM; DREYER, 2004, p. 33-34), o ato de abstração tem como objeto a essência de um indivíduo, não em suas particularidades, mas de acordo com sua natureza comum ou características universais. O ato de abstração indica a ideia de humanidade como um aspecto do indivíduo, podendo também tender para a racionalidade, bestialidade ou qualquer outro aspecto pelos quais um indivíduo extramental possa ser considerado. No indivíduo, estes aspectos coincidem e são inseparáveis, podendo ser considerados distintamente ou independentes um do outro. São inseparáveis na realidade, porém, separáveis no pensamento. Estes atributos podem ser considerados como formalidades internas ao indivíduo. Uma formalidade é uma base extramental objetiva para um conceito, representando um aspecto inteligível e parcial do ser. Com o poder de abstração humana, pode-se perceber que a mente é capaz de distinguir estas formalidades e considerá-las de forma independente uma da outra. Desta forma, a abstração aponta para a distinção formal.

A distinção formal pode ser mais bem compreendida em uma posição intermediária entre duas distinções conhecidas com conceitual e real. Uma distinção conceitual é puramente mental e não tem nenhuma realidade externa correspondente a sua existência mental, exceto um referente na realidade. Contudo, este referente pode ser representado de acordo com diferentes formulações. Por outro lado, dois termos são realmente distintos quando seus significados são diferentes e seus referentes são capazes de existir independentes um do outro. Entre uma distinção real e uma distinção conceitual, encontramos a distinção formal. Esta distinção é mais do que conceitual, porém, menos do que real. A distinção formal é baseada em um aspecto existente do objeto, o que Scotus chama de “a parte rei”, e não é simplesmente mental, contudo, o aspecto em questão não é capaz de existir independentemente do objeto onde ele é encontrado. O objeto da distinção formal é um aspecto potencialmente conhecido de um ser particular em questão (INGHAM; DREYER, 2004, p. 34), distinto de acordo com a ordem do pensamento, contudo com uma

existência anterior a sua conceitualização (*Ibi.*, p. 35).

Scotus (*Ibid.*, p. 36) indica a distinção formal, entre uma perfeição genérica e diferença específica, em uma diferença única das características de um indivíduo e de uma natureza comum, entre atributos transcendentais do ser, como bondade, verdade e unidade, bem como entre o ser e estes atributos.

A distinção formal indica uma distinção real fundada no ser ou na coisa que se estabelece na essência ou nos sentidos. Contudo, com a univocidade do ser se prolongando na univocidade dos atributos (DELEUZE, 1968a, p. 71).

3.2. Distinção modal

Com uma proximidade à distinção formal, temos a distinção formal modal. Esta distinção se aplica não a atributos ou aspectos diferentes do ser, mas às distinções entre o tópico e seu modo. Modos intrínsecos podem expressar aspectos como unidade, universalidade ou infinitude. Um conceito sem o modo é considerado imperfeito (INGHAM; DREYER, 2004, p. 36-37).

A distinção formal modal indica a intensidade da perfeição que diferencia o divino das outras ordens criadas. É esta distinção de modos, mais do que formalidades, que revelam de forma clara o que é fundamental: a existência do comum, conceito imperfeito, cujo domínio é exaurido por uma distinção entre finitude e infinitude. Destes, o conceito comum mais perfeito, capaz de uma predicação unívoca em um nível mais comum, é o próprio ser (*Ibid.*, p. 38).

A distinção modal se estabelece entre o ser e seus atributos e as variações de que eles são capazes. Assim, mostra que um ser unívoco não implica apenas em formas e atributos unívocos, mas também fatores intensivos e individuantes que variam seu modo sem modificar sua essência (DELEUZE, 1968a, p.71).

3.3. Hecceidade

O processo de diferenciação de Duns Scotus, que percorre desde as categorizações aristotélicas do ser até a sutileza das distinções formais modais na sua busca por classificações univocamente efetivas, vai ainda além, quando, a propósito da singularidade da alma, é cunhado o termo *hecceidade*, significando a propriedade de um ser que faz um

indivíduo, e não pode ser conhecida pela consciência:

É um princípio da metafísica de Scotus que dois indivíduos podem ser idênticos em todas as suas características acidentais e ainda assim serem individualizados por algum outro elemento, sua *hecceidade*. Contudo, também é um princípio de sua teoria cognitiva que nós não podemos conhecer esta *hecceidade* (pelo menos não nesta vida), mesmo que conheçamos singularidades (CROSS, 2003, p. 296).

O esforço de Scotus ecoará na crítica de Bergson à falta de precisão da filosofia até então (principalmente a kantiana), ao tentar explicar o mundo por noções genéricas, sem se reportar ao que faz a singularidade se atualizar num determinado tempo e num determinado espaço, ou seja, o que a torna necessariamente única (BERGSON, 2006, p. 3-4).

Em *Mil Platôs*, Deleuze irá se utilizar desse conceito de *hecceidade* para se referir às singularidades não-subjetivas que nomeamos e reconhecemos como agenciamentos de diferenças que se sustentam no tempo, tais como os furacões e as síndromes.

4. Spinoza

Com Spinoza, o ser unívoco deixa de ser pensado como neutro ou indiferente, adquirindo uma afirmação pura e se confundindo com a substância única, universal e infinita (*Deus sive natura*). O ser unívoco ganha expressividade. Por outro lado, contra uma teoria cartesiana das substâncias, impregnada de analogias e misturas entre o ontológico, o formal e o numérico (substância, qualidade e quantidade), Spinoza separa explicitamente substância, atributos e modos. Para ele, as distinções reais são apenas formais, qualitativas (e nunca numéricas) ou essenciais, como atributos essenciais qualitativamente diferentes da substância única; e as distinções numéricas nunca são reais e sim modais - modos intrínsecos da substância única e de seus atributos. Os modos são fatores individuantes ou graus intrínsecos intensos da substância. A obrigação do modo é desenvolver toda a sua potência ou seu ser no limite (DELEUZE, 1968a, p.72).

Para Spinoza (*apud* DELEUZE, 1968a, p.72), os atributos são comuns à substância e aos modos, e o ser se diz num mesmo sentido da substância e dos modos. Assim, “toda a hierarquia é negada na medida em que a substância é igualmente designada por todos os

atributos em conformidade com sua essência” e com os “modos em conformidade com seu grau de potência”.

4.1. Distinção real

Também com Spinoza (*apud* DELEUZE, 1968b, p. 30), um atributo pode ser considerado como a forma constitutiva das substâncias infinitas e não apenas uma propriedade objetiva. Esta interpretação, para DELEUZE (1968b, p. 30), indica um ponto de vista da qualidade: a qualidade do atributo não é mais uma simples atribuição das coisas, nem limitada pela compreensão de uma essência divina, mas sim o que constitui a substância, os componentes qualitativos da própria substância. Para ESPINOZA (*apud* DELEUZE, 1968b, p. 30), a distinção formal não é mais uma distinção entre certas propriedades objetivas que, apesar de inseparáveis da realidade, são separáveis conceitualmente, mas uma distinção entre uma pluralidade de atributos em relação a simples substância que eles constituem. A distinção formal se torna, com ele, uma distinção real entre atributos. Uma distinção que se estabelece entre qualidades que induzem à unidade da substância (não necessariamente uma distinção numérica). Do ponto de vista da qualidade, uma substância por atributo, mas, do ponto de vista da quantidade, uma simples substância para todos os atributos (ou todos os atributos formando uma única substância). Os atributos permitem entre si e em relação à substância que eles constituem, desta forma, uma distinção qualitativa. Atributos tem identidade, distinção formal e não distinção ontológica. “Ontologicamente únicos e formalmente diversos, assim é sua posição” (*Ibid.* p. 37). Para Spinoza, todas as essências formais (as essências agrupadas de cada um dos atributos) formam a essência de uma substância simples absoluta (*Ibid.*, p. 65). Com esta nova lógica (lógica da distinção real), Spinoza torna possível a reconciliação da unidade ontológica da substância com a pluralidade qualitativa de seus atributos (*ibid.*, p. 182) e é capaz de expressar diferenças no ser, possibilitando a reconstrução de outras distinções.

5. Leibniz e o dilema da univocidade: liberdade x necessidade

Leibniz sustentará que a idéia de perfeição não é compatível com diferenças quantitativas (como o número) que podem se estender ao infinito. Já a onipotência e a

onisciência de Deus admitem a perfeição, por conta da submissão dessas categorias à *possibilidade*: a onipotência de criar qualquer mundo possível e a onisciência de conhecê-los até o mais ínfimo detalhe de seu conteúdo e história possíveis.

John Rawls (2005, p.130) irá opor a doutrina leibniziana da perfeição à ideia utilitarista clássica da maximização da felicidade. A perfeição para Leibniz tende a um limite preciso (exatamente como no cálculo diferencial matemático, que ele próprio inventou) que é dado pela relação entre o *conceito interno do ser* e as eventuais restrições naturais:

A perfeição, pois, envolve o conceito de uma completude internamente especificada: menos do que isso é *pior*, mais é *desnecessário*. É alcançado um limite ou equilíbrio que não se determina a partir do exterior, por restrições que podem variar arbitrariamente de caso para caso, como no modo pelo qual a maximização da felicidade é restringida pelas limitações de recursos, de tempo e de energia, e pela mudança periódica. Sem dúvida, isso é muito obscuro. [grifos nossos] (*Ibid.*, p. 131)

Ora, é justamente essa “obscuridade” que Deleuze utilizará em seu conceito de diferença interna, relacionando tal perfeição qualitativa com a potência dos atributos espinosistas, mas sob a nova ótica que substitui a substância pelo diferir de si mesmo que caracteriza o devir.

A questão da univocidade do ser em Leibniz está ligada à sua teoria de verdade, a teoria do “predicado-no-sujeito” (*Ibid.*, p.142), que envolve verdades necessárias (demonstráveis pelo homem ao cabo de um número de inferências sucessivas) e verdades contingentes (cuja demonstração exigiria o exame infinito dos mundos possíveis na mente de Deus): “Deus não vê o fim da análise, pois que a análise não tem um fim. Mas somente Deus vê a resposta - pela sua visão intuitiva³ imediata dos possíveis” (*Ibid.*, p. 138).

O objetivo de Leibniz é conjugar coerentemente, em Deus e no Homem, duas noções antagônicas: a necessidade e a liberdade. Só pode existir liberdade se há alternativas. Daí a formulação de que há vários mundos possíveis à disposição da escolha

³ A diferença entre verdades necessárias e contingentes se aproxima surpreendentemente da diferença que Bergson estabelece em *A Evolução Criadora* entre os conceitos de Inteligência e Intuição.

de Deus. No entanto, só se atualizará o *melhor* desses mundos. Os mundos possíveis são aqueles cuja coerência é demonstrável por verdades necessárias, mas o mundo *compossível* é o único demonstrável por verdades contingentes, e, portanto, o único mundo efetivamente *necessário*, onde a perfeição de cada diferença interna se harmoniza com todas as demais.

Segundo Rawls, essa questão gerou embaraços a Leibniz que lhe permaneceram insolúveis (*Ibid.*, p.143), pois se é moralmente necessária a atualização do melhor dos mundos possíveis, seria ela por outro lado contingente - tão contingente quanto as verdades de que é composto? (e, portanto, *unívoco* em relação a elas?)

Deleuze solucionará essa aporia retirando a necessidade moral da “compossibilidade” e ligando a atualização diretamente à “impossibilidade”, através do eterno retorno nietzscheano da diferença. Esse processo irá, igualmente, desqualificar a *causa final* (implícita na necessidade moral), à maneira da crítica à analogia kantiana, em favor da *causa eficiente* da afirmação da contingência em si.

6. Nietzsche e o eterno retorno da diferença

Restaria uma reversão categórica mais geral a ser feita: para Spinoza, a substância ainda aparece independente dos modos - a relação entre ambos não é constituinte. “Seria preciso que a própria substância fosse dita (...) somente dos modos” (DELEUZE, 1968b, p. 82). Tal será a contribuição de Nietzsche, que trará o tempo ao modo futuro como a afirmação sempre retornante da diferença, tornando-a um conceito autônomo, a partir do qual a identidade será constituída. Ela se diferencia do indiferenciado, atualizando-se intempestivamente. O ser se diz do devir - o que retorna é a afirmação do contingencial, a parcela do futuro que se desliga das semelhanças do possível, das verdades necessárias.

Esse procedimento será recriado por Deleuze em *Lógica do Sentido*, na sua visada da concepção estoíca da linguagem: a indiferença do acontecimento incorporal é atualizada nos corpos, e a do sentido, na proposição a partir do não-senso.

7. Das singularidades

Na décima quinta série, “Das singularidades”, de “Lógica do sentido”, Deleuze frisa a neutralidade e indiferença do acontecimento como uma constante, frente às determinações

do interior e do exterior, do individual e do coletivo, do particular e do geral. Esta neutralidade e indiferença fazem com que o acontecimento tenha uma verdade eterna que, ao mesmo tempo, se distingue nos efeitos do tempo. As batalhas, para ele, são acontecimentos em essência que se implementam com efeitos simultâneos diferentes, captados pelos participantes em diferentes níveis de acordo com seus presentes variáveis (DELEUZE, 1969, p. 103).

Tal neutralidade do acontecimento é a consequência de não haver mais necessidade de um crivo (o Deus leibniziano) para a compossibilidade.

Efeitos de simultaneidade, normalmente, têm um efeito expresso nas histórias em quadrinhos (hqs). Contudo, na série “Crise nas infinitas terras”, a narrativa passa a refletir rupturas simultâneas de universos e os presentes variáveis, nos quais os personagens estavam localizados, muitas vezes de forma impossível. Assim, o somatório desses universos se torna um acontecimento neutro e indiferente em relação às partes, figurando o que se concebe como um devir sem ser. Os heróis vêm, lutam e morrem durante a batalha, mas ela tem uma autonomia e seu próprio campo, neutro em relação às contingências efetuadas através do tempo. Esta autonomia em relação aos universos paralelos se faz presente em “Crise” quando o espectro da crise das infinitas terras ganha corpo na representação de uma enorme mancha branca - da indiferença - que avança e os engole, independente do individual e do coletivo (“...Um grande ruído, uma imensa nuvem..., sobrevoa os combatentes e não os separa ou não os dispersa a não ser para torná-los ainda mais indistintos”). Uma batalha que não pode ser captada, dimensionada ou percebida a não ser pela vontade que ela inspira, quando o soldado se vê a atuar na “verdade eterna do acontecimento” (DELEUZE, 1969, p. 103).

Assim, temos uma grande mancha com um sentido pleno de neutralidade em relação aos indivíduos, que não podem mais conservar sua consciência, nem manter a forma da pessoa, nem manter o ponto de vista da individuação.

Sem ser pessoal e sem uma individualidade própria, temos a emissão de singularidades que jorram sobre uma “superfície inconsciente”, “presidindo à gênese dos indivíduos e das pessoas”. São singularidades unificadas pelo princípio de auto-unificação de uma distribuição móvel, nômade, longe da síntese de consciência das distribuições fixas

e sedentárias (DELEUZE, 1969, p. 105).

O mundo destas singularidades anônimas e nômades, impessoais, pré-individuais tem algumas características principais (*Ibid.*, p. 106-107):

. Organizam-se em um sistema que não é instável, nem estável, porém, metaestável, com uma energia potencial que se distribui;

. As singularidades estão sujeitas a um processo de auto-unificação, sempre móvel e deslocado (com um elemento paradoxal que as percorre);

. As singularidades e potenciais frequentam a superfície, contudo, a energia superficial não se encontra na superfície e sim em sua própria origem.

. “A superfície é o lugar do sentido”, porém só se pode considerar a figuração de um sentido a partir do momento em que os signos “entram na organização de superfície que assegura a ressonância entre duas séries”. Temos, aqui, um mundo de sentido em que a neutralidade é essencial.

. As singularidades se distribuem em um campo necessariamente problemático. Figuram aqui como acontecimentos sem nenhuma direção.

Este mundo das singularidades anônimas e nômades ecoa no que Nietzsche chama de vontade de potência, mundo dionisíaco, onde as singularidades nômades não podem mais ser aprisionadas “na individualidade fixa do Ser infinito” (imutabilidade divina de Deus), nem no sedentarismo do sujeito finito (limite do conhecimento). Aqui, temos o singular, sem ser finito ou infinito, com um sujeito de um novo discurso que não é o homem ou Deus, nem o homem no lugar de Deus, onde, acima de tudo, não há mais sujeito (*Ibid.*, p. 110). “É esta singularidade livre, anônima e nômade que percorre tanto os homens, as plantas e os animais independentemente das matérias de sua individuação e das formas de sua personalidade... Sentido não como predicado ou propriedade, mas como acontecimento” (*Ibid.*, p. 110).

8. Gênese estática ontológica

As singularidades nômades, impessoais e pré-individuais têm relações na superfície. Sair deste campo, é a primeira etapa do que Deleuze (*Ibid.*, p. 113) chama de Gênese Estática Ontológica.

Um mundo qualquer envolve um sistema infinito de singularidades selecionadas por convergência. Mas, neste mundo, temos indivíduos que selecionam certas singularidades do sistema em número limitado e as relacionam com as singularidades que seu próprio corpo conduz. Assim, o indivíduo está sempre neste mundo como “círculo de convergência”, e um mundo é pensado em torno de indivíduos que o ocupam ou preenchem (*Ibid*, p. 113-114).

Nos mundos paralelos apresentados pela editora DC Comics, a partir de universos diegéticos e personagens incorporados com a fusão de outras editoras, podemos pensar a expressão do personagem em função de sua relação com os outros corpos, relação expressa também nas relações internas do personagem. No universo do Capitão Marvel, antiga Terra-5, por exemplo, antes das fusões da “Crise nas infinitas terras”, temos uma concentração de uma representação gráfica próxima ao *cartoon*, indicando uma referência a um universo infantil, caráter também expresso da mesma forma na figura do Capitão Marvel, que tem por identidade secreta uma criança, Billy Batson.

Este complexo que envolve indivíduo, mundo e inter-relacionamento indica um primeiro nível de realização desta Gênese estática ontológica. Aqui, singularidades se implementam ao mesmo tempo no mundo e nos indivíduos, sobre uma série de pontos, convergindo e se encarnando nos corpos (*Ibid.*, p. 114).

Os mundos, por outro lado, trazem singularidades adjacentes e, a partir destas, relações diferenciais. Forma-se o mundo na medida em que as séries de pontos – nas quais se pautam as singularidades – convergem com séries que dependem de outras. Assim, temos uma convergência que define a “compossibilidade”. Quando as séries divergem, começa um outro mundo “impossível” com o primeiro (*ibid*, pp. 114-115). Ao compararmos a Terra-1 com a Terra-2, por exemplo, percebemos divergências que atestam sua “impossibilidade”.

Deleuze via Leibniz (*Ibid.*, p. 115) define “compossibilidade” como um continuum de singularidades, onde se busca a convergência das séries. Em “Crise das infinitas terras”, a convergência é a tônica, mesmo se às custas da retirada de personagens do *continuum*, panorama criticado por Grant Morrison em sua hq “Animal Man”, personagem que se queixa de ter sido substituído e destruído quando decidiram mudar a continuidade. “Nos

deformam e nos torturam... A troco de que? Para o entretenimento... Não temos vida própria” (MORRISSON, 1990, p. 9).

A noção de “impossibilidade”, por outro lado, indica a geração de uma contradição, sem ser redutível a ela. A contradição entre a Mulher-Gato da Terra-1 e da Terra-2 decorre da “impossibilidade” dos dois mundos, um onde ela é criminosa, e no outro em que ela casa com Batman.

Em cada mundo, os indivíduos exprimem todas as singularidades deste mundo, mas cada indivíduo exprime claramente apenas um certo número de singularidades, com as quais ele se constitui e que combinadas formam seu corpo. O mundo expresso, por sua vez, se conserva como acontecimento ou verbo, nas singularidades que administram a composição dos indivíduos (DELEUZE, 1969, p. 115): não mais uma Mulher-Gato assassina, mas um mundo em que a Mulher-Gato assassinou.

Assim, temos uma Gênese estática ontológica que produz “mundos individuados” e “eu individuais” correlacionados que povoam cada um destes mundos, com os indivíduos se constituindo na “vizinhança de singularidades que eles envolvem” e exprimem mundos como círculos de convergência das séries (*Ibid.*, p. 115). No multiverso da DC Comics, as singularidades vizinhas são expressas na forma de pontos em comum – séries – de um mesmo personagem de universos distintos, cada mundo com suas próprias séries e círculos de convergência.

Deleuze (*Ibid.*, p. 115) também salienta que o mundo expresso não existe fora dos indivíduos que os exprimem e suas expressões. “O mundo é realmente um pertencer do sujeito” e o acontecimento, um predicado analítico. Verdejar, brilhar e matar, por exemplo, são singularidades-acontecimentos na vizinhança da qual a kriptonita se constitui; ou proteger na vizinhança da qual o Super-Homem se constitui. Contudo, ser verde, brilhante e letal, e ser protetor são predicados analíticos de sujeitos constituídos, a kriptonita e o Super-Homem. Como todos os organismos individuais simples exprimem a totalidade de seu mundo, embora cada um só exprima claramente uma parte selecionada, seus corpos formam também misturas com associações variáveis, onde existem zonas de clareza e obscuridade (*Ibid.*, p. 115-116). “A kriptonita mata o Super-Homem”.

Assim, temos a possibilidade de misturas de predicados em coexistência e

simultaneidade, sem uma ordem ou mediação, onde um não é menos imediato do que o outro. Os predicados analíticos, contudo, não implicam ainda em nenhuma consideração lógica de gênero, espécie, propriedade ou classe, mas somente em estrutura e diversidade que possibilita a mistura dos corpos (*Ibid.*, p. 116).

Para além do predicado analítico estrito, devemos considerar as zonas de indeterminação e a característica de distribuição nômade que caracteriza o Acontecimento, como algo que se divide sem cessar e, ao mesmo tempo, se reúne em um só. “Figuras móveis comunicantes que fazem de todas as jogadas um só e mesmo lançar, e do lançar uma multiplicidade de jogadas” (*Ibid.*, p. 117). Assim, é possível conceber o que LEIBNIZ (apud DELEUZE, 1969, p. 117) chama de signos ambíguos, que são pontos aleatórios, “repartições diversas de singularidades às quais corresponderão casos de soluções diferentes” (*ibid.*, p. 117). Desta forma, o personagem Flash exprime um só e mesmo Acontecimento que seu signo ambíguo subdivide em acontecimentos diversos em um personagem distinto que foi materializado de formas diversas com diferenças visíveis na superfície. Os mundos “impossíveis” comportam, assim, alguma coisa em comum que representa o signo ambíguo, ao qual vários mundos aparecem como solução para o mesmo problema. Nestes mundos, temos personagens objetivamente indeterminados, positivamente definidos somente por algumas singularidades “que podem se combinar e completar de maneira muito diferente em diferentes mundos” (*Ibid.*, p. 118), como ocorreu claramente com a Mulher-Gato em terras distintas ou com sua filha da Terra-2, a Caçadora. Temos a possibilidade, então, de vários desfechos possíveis e cada desfecho pode indicar novas bifurcações (BORGES *apud* DELEUZE, 1969, p. 118).

Temos, sem mundos individuados e sem singularidades fixas organizadas em séries convergentes, um Flash vago e uma Mulher-Gato vaga que são definidos por predicados, porém não mais predicados analíticos de indivíduos determinados em um mundo que opera sua descrição. São definidos por predicados sintéticos que lhes abrem diferentes mundos e individualidades.

Resumindo, temos etapas distintas nesta gênese estática ontológica. Primeiro, onde as singularidades-acontecimentos são organizadas em círculos de convergência e predicados analíticos descrevem mundos, estados e misturas. Segundo, refere-se ao que é

comum a vários mundos ou a todos com predicados sintéticos que definem pessoas, classes e propriedades derivadas. No primeiro, temos a geração do sentido e no segundo, o não-senso (sempre co-presente ao sentido, em relação ao qual é ponto aleatório ou signo ambíguo). No primeiro, forma-se o “bom-senso” com uma organização fixa ou sedentária das diferenças; de acordo com o segundo, forma-se um princípio de “senso-comum”, com a função de identificação (DELEUZE, 1969, p. 119-120).

Antes da “Crise nas infinitas terras”, nos universos individuais e fechados, temos personagens como indivíduos em mônadas próprias e mundos plenos de sentido e recorte analítico. Contudo, se considerarmos sua simultaneidade, os limites perdem a clareza e o não-senso passa a prevalecer, processo agravado com a “Crise”, em mundos que se tornam um único mundo, onde os personagens estão mergulhados através de uma lei das misturas imposta sobre eles. Para evitar o não-senso e respeitar o *continuum*, a DC Comics preferiu simplesmente retirar da cena diversos personagens.

No multiverso da DC, considerando as diversas versões de personagens, temos a possibilidade de um senso-comum entre eles e um não-senso se considerarmos sua “impossibilidade”. Conceber o multiverso, para um personagem isolado, seria descobrir o não-senso. Contudo, a presença deste personagem em vários mundos seria “alguma coisa” comum, uma presença no sentido.

9. Considerações finais

O conceito de univocidade do ser, como articulado por Deleuze nessa trajetória do pensamento que perpassa Duns Scotus, Spinoza e Leibniz, ajuda a definir hecceidades por seus traços diferenciais, por suas linhas de força. Relacionando tais traços não mais a qualidades – definíveis por semelhança e continuidade no tempo –, mas à atualização de virtualidades – diferenças definidas intempestivamente no tempo por discontinuidades –, temos condições de iniciar um mapeamento, não do contorno de objetos pressupostos pelo bom senso e pelo senso comum em um campo preexistente – o tempo espacializado, cronológico, conforme definido por Deleuze em *Lógica do Sentido* –, mas das singularidades desenvolvidas pela criação ficcionalizante, que se utiliza do devir e produz novos mundos potencialmente impossíveis, como no caso da “Crise das Infinitas

Terras”.

O princípio estruturador da ilusão do sujeito, de sua suposta permanência no tempo pela consciência, busca, por definição, a analogia transcendente, a equivocidade do ser. O mesmo princípio clama por continuidade verossímil, pelas *verdades necessárias* inferíveis pelo senso comum, em um plano conceitual onde as *verdades contingentes* já não se restringem à compossibilidade - o da demiurgia dos *comics*.

Concluimos, portanto, ser produtiva a correlação, de um lado, entre univocidade do ser e criação de mundos ficcionais e, no pólo oposto, a busca por princípios equívocos de subjetivação como guia da necessidade de convergência das séries em projetos totalizantes de compossibilidade, para uma cartografia de tais linhas antagônicas de força na gênese estática ontológica da ficção.

Referências:

ASHWORTH, E. Jennifer. Signification and Modes of Signifying in Thirteenth- Century Logic: A Preface to Aquinas on Analogy. In: *Medieval Philosophy and Theology 1*, 1991.

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CROSS, Richard. Philosophy of mind. In: Willians T. (org). *The Cambridge Companion to Duns Scotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DELEUZE, Gilles. [1968a] *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009 .

_____. [1968b] *Expressionism in philosophy: Spinoza*. New York: Zone Books, 1990 .

_____. [1969] *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GUALANDI, Alberto. *Deleuze*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

KING, Peter. Scotus on metaphysics. In: Willians T. (org). *The Cambridge Companion to Duns Scotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

INGHAM, Mary Beth. DREYER, Mechthild. *The philosophical vision of John Duns Scotus: an introduction*. Washington: The Catholic University of American Press, 2004.

MORRISSON, Grant. *Animal Man #19*. New York: DC Comics, 1990.

RAWLS, John. *História da filosofia moral*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Data de registro: 13/05/2010

Data de aceite: 02/09/2010